

## NARRATIVAS EM DISSIDÊNCIA: EXPERIÊNCIAS QUE DESLOCAM O CURRÍCULO DA EJA

Flávio Barreto de Matos<sup>1</sup>

**Eixo:** Políticas Públicas para EJA

**Palavras-chave:** (Auto)biografia. Histórias de vida. Gênero e Sexualidades. Escola.

### Introdução:

O projeto de pesquisa desenvolvido no Mestrado Profissional no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais – PPGER, pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB, resultou na dissertação intitulada “Os corpos que a escola não toca: EJA e as dissidências sexuais e de gênero na perspectiva da formação docente”. Este viés de investigação desencadeou outros questionamentos e reflexões, havendo a necessidade de compreender mais a fundo sobre quais experiências as(os) discentes em dissidência da EJA têm do universo escolar e como essas experiências interferem, entre o aprender e o saber, na sua construção cultural na escola. Desse modo, as indagações aludem para pensar em outros movimentos que me levaram a buscar novos caminhos que pudessem (re)significar e reconhecer a presença de outras(os) sujeitas(os) no cenário social e do contexto escolar para o “repensar pedagógico” (Arroyo, 2021, p. 26).

### Metodologia:

Passeggi (2011) assevera que as narrativas são inerentes aos humanos, enquanto Freire (1996) afirma ensinar demanda compreender que a educação é uma forma de transformar o mundo. Desse modo, parece coerente defender que pesquisas em Educação no Brasil estejam de igual modo comprometidas em estabelecer escuta sensível, atenta e responsável às narrativas discentes para então compreender como se dão os processos formativos protagonizados no cotidiano da vida escolar.

Assim, a definição dos procedimentos metodológicos para a realização dessa pesquisa de doutoramento partiu de uma abordagem de natureza qualitativa, cujo os estudos objetivaram analisar como os atores em dissidência, participantes desse estudo, compreendem a sua existência articulada com o seu processo de formação humana e escolar.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação – UFBA, Mestre em Ensino e Relações Étnico-raciais – UFSB, Especialista em Leitura e Produção de Texto na Escola - UESC. Especialista em Produção de Mídias para Educação *on-line* - UFBA. Graduado em Letras Vernáculas – UNEB (*Campus XXI*). Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, [fb\\_matos@yahoo.com.br](mailto:fb_matos@yahoo.com.br)

Nesse sentido, “a pesquisa (auto)biográfica constitui-se como um movimento de elucidação hermenêutica de prática para dar sentido à vida (bios), a si mesmo (auto) e à própria escrita [grafia]” (Meireles 2015, p. 286). Outrossim, considero a dimensão da potencialidade das vozes das pessoas envolvidas na pesquisa, valorizando sua singularidade em vez de tratá-las como objetos.

### **Análise dos resultados:**

Narrar a própria história a partir de vivências e experiências provoca um certo estranhamento e desconforto, pois ao acessar o passado, relembramos lugares, fatos e sensações. Ao expor as nossas experiências nos deparamos com um conjunto de valores e crenças que gera os mais variados tipos de violência. Dessas relações que se entrelaçaram no decorrer do caminho, as descrições permitiram inferir as alegações universalistas que definem o subalterno como um ser abjeto.

Fica visível na entrevista realizada com um dos participantes o quanto essas relações afetam sua integridade e a sua formação humana. Hoje, C.H “considera-se uma pessoa ‘normal’ como qualquer outra pessoa” e, quando questionado sobre as suas experiências vida/escola, ressalta que foi um “processo muito triste e doloroso, as vezes é até difícil de falar. Tive vários apelidos, como bicha obesa, bicha gorda. Primeiro por ser negro, acredito eu, depois por ser gay e por ser gordo” (C.H., 2022).

A partir dessas verificações, considero que a razão de uma verdade sobre a(o) corpa(o) sujeita(o) é decorrente de uma construção discursiva que interage sobre algumas ações que dão materialidade às (aos) corpas(os) em dissidência, sendo isso que faz considerar a escola como um “campo de guerra”, uma vez que as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço escolar “articulam um projeto de materialização dos corpos” (Rannierey, 2017, p. 4)

Essa perspectiva ideológica possibilita pensar sobre as construções do gênero e das sexualidades como “sistemas dinâmicos complexos, culturalmente construídos, mas que ocorrem no corpo e na incorporação” (Oliveira 2017, p.25). Com isso, é possível refletir sobre os efeitos e impactos que integram na vida social das(os) sujeitas(os) em dissidência.

Desse entendimento, a experiência se torna um espaço singular em que as narrativas (auto)biográficas oportunizam outras formas de significação, pois, elas nos remetem a um constante movimento na tentativa de compreender a relação existente entre as(os) sujeitas(os) e a escola. Ou seja, no seu modo social e no sistema de representatividade pela qual, segundo a socióloga e antropóloga Marie Christine Josso (2007, p.414), incide

também “na sua *ação* em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações.”

### **Considerações Finais**

A Educação de Jovens e Adultos, como modalidade de ensino, é compreendido como processo político-social e de reparação dos que não conseguiram ingressar em seus estudos na idade correta, seja por questões de vida e trabalho ou por outros fatores condicionantes ou determinantes. No que se refere à organização escolar, trata-se, portanto, de um conjunto de práticas que se alinha às experiências e ao modo de vida dos jovens, adultos e idosos.

Pensando dessa forma, as narrativas (auto)biográficas das(os) discentes em dissidência reivindicam o posicionamento político de resistência e de apropriação epistemológica, uma vez que não há no currículo escolar espaços abertos de políticas compensatórias voltadas para as desigualdades que foram historicamente silenciadas, muito menos de proposição de práticas subversivas para inclusão das(os) corpos(os) desviantes das normas generificadas pela Cis-heteronorma.

### **Referências**

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite: Do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa.** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.**

Disponível em:

[https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a\\_tranfor2.pdf](https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf).

Acesso em: 09 de Out. 2022

MEIRELES, Mariana Martins de. Entrevista narrativa e a hermenêutica de si: fontes de pesquisa (auto)biográfica e perspectivas de análise. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação.** Salvador: EDUFBA, 2015. p. 285-296.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, mai./ago. 2011.

OLIVEIRA, Thiago Rannery Moreira de. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogênas e visibilidade improváveis.** 2015. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, João Manuel de. **Desobediências de gênero.** Salvador – BA: Editora Devires, 2017 124 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.